



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

## SLAVE NARRATIVES: A EXPERIÊNCIA DE DUAS MULHERES NEGRAS ESCRAVAS NAS AMÉRICAS NOS SÉCULOS XVIII E XIX



## SLAVE NARRATIVES: THE EXPERIENCE OF TWO BLACK WOMEN ENSLAVED IN AMERICA IN THE 18TH AND 19TH CENTURIES

Weberson de Aquino LIMA  
Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Josinete Nízia de ARAÚJO  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 22/06/2022 • APROVADO EM 05/02/2023  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.305>

---

### Resumo

---

O presente artigo, tem como objetivo dar destaque as vivências da escravidão sob o ponto de vista feminino a partir dos recortes da obra *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma* (2018), de Harriet Ann Jacobs, e a carta de Esperança Garcia (1770), ambas mulheres que tiveram suas vidas marcadas pela escravidão. O artigo apresenta também um panorama sobre as principais *slave narratives* no continente americano. Baseado nas ideias de Kilomba (2019) e Ribeiro (2019), este artigo constrói a maior parte de sua base teórica para pesquisa bibliográfica a partir de pesquisadores

afrodescendentes como bell hooks (2018, 2019), Eduardo de Assis Duarte (2005, 2020), Elio Ferreira (2008, 2014), Elio Ferreira de Souza (2015, 2017, 2022), Henry Louis Gates Jr (2014), Kellie Carter Jackson (2020), Luiz Silva Cuti (2010) e Paul Gilroy (2001), e outros estudiosos da escravidão do Brasil e do mundo.

---

## Abstract

---

This article aims show slavery from a female point of view from the book *Incidents in the life of a slave girl. Written by Herself* (Brazilian edition, 2018), by Harriet Ann Jacobs, and Esperança Garcia's letter (1770). The article presents an overview of the main slave narratives on the American continent, also including other types of slave accounts, such as the letter of the slave Esperança Garcia and the confessions of the slave Rosa Maria Egipcíaco da Vera Cruz. Based on the ideas of Kilomba (2019) and Ribeiro (2019), this article builds its theoretical basis for bibliographic research from Afro-descendant researchers like as; bell hooks (2018, 2019), Eduardo de Assis Duarte (2005, 2020), Elio Ferreira (2008, 2014), Elio Ferreira de Souza (2015, 2017, 2022), Henry Louis Gates Jr (2014), Kellie Carter Jackson (2020), Luiz Silva Cuti (2010) and Paul Gilroy (2001).

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Relatos de escravos. Harriet Ann Jacobs. Esperança Garcia. Escravidão. Mulher negra.

**Keywords:** Slave narratives. Harriet Ann Jacobs. Esperança Garcia. Slavery. Black woman.

---

## Texto integral

---

### Considerações iniciais

As trajetórias individuais dos escravos, ainda são pouco conhecidas e divulgadas no Brasil. Nos últimos anos, no entanto, existe um esforço por parte de grupos acadêmicos, editoras e pessoas ligadas ao movimento negro para investir em um resgate da memória do povo afrodescendente da diáspora, que até então, tiveram pouca ou nenhuma visibilidade.

Com perspectiva renovada, que foge do ponto de vista branco e eurocêntrico, as *slave narratives* e outros relatos, que partem da via direta dos antigos escravos, enriquecem a compreensão sobre diferentes pontos de vista sociais, individuais e coletivos. Entretanto, é observado, que dentre as muitas *slave narratives* cartografadas até o momento pela crítica, a esmagadora maioria é de autoria masculina (DUARTE, 2020)

Algumas das mais conhecidas narrativas de escravos foram contadas da perspectiva masculina (JACKSON, 2020). Estas foram escritas por Frederick Douglass, William Wells Brown e Solomon Northrup. Essas narrativas “ajudaram a fortalecer o sentimento antiescravista nos Estados Unidos” (SCOTT, 2020, p. 9), e também “juntas [...] moldaram a forma pela qual os Estados Unidos entendiam a escravidão durante o século XIX” (JACKSON, 2020, p. 8). Nessa perspectiva, se pode entender que este fato, pode resultar em uma visão unilateral de que “a história da escravidão quase sempre é apresentada por uma ótica masculina que enfatiza os

senhores e os homens escravizados” (JACKSON, 2020, p. 7), e assim, por consequência, exclui as mulheres escravas.

Por conta da escravidão, as mulheres negras tiveram uma experiência histórica bastante diferenciada e que o discurso clássico sobre a opressão das mulheres não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito dessa opressão sofrida teve (CARNEIRO, 2011). Sendo as mulheres negras indivíduos invisibilizados pelas páginas da história oficial, da literatura e até do próprio feminismo, ao trazer para o centro da discussão a narrativa e conseqüentemente a fala de mulheres negras e escravas, estamos tratando de uma voz duplamente oprimida e silenciada.

Historicamente, “a escrava negra não era tão valorizada quanto o escravo negro. Em medida, era mais caro comprar um escravo negro que uma escrava” (HOOKS, 2018, p. 39). A finalidade de uma escrava, era inicialmente, apenas reproduzir, como afirma Harriet Ann Jacobs “mulheres eram consideradas inúteis, a menos que continuassem o sortimento de escravos de seu senhor” (JACOBS, 2018, p. 60). Esse fato pode ser explicado porque, a produção e o trabalho de força nos *plantations*, eram destinados, em primeira instância, aos escravos do sexo masculino.

Os traficantes de escravos não consideravam as mulheres africanas uma ameaça “e por isso só com a escrava negra o negreiro branco era livre de exercer o seu poder absoluto, pois podia hostilizá-la e explorá-la sem medo de retaliações” (HOOKS, 2018, p. 43). A experiência traumática de africanos e africanas a bordo dos tumbeiros, foi apenas a primeira das etapas de um doloroso processo de doutrinação que iria transformar o indivíduo livre em escravo (HOOKS, 2018). As mulheres negras africanas eram destinatárias da parte mais pesada de toda essa horrenda brutalização, “não só por serem vitimizadas através da sua sexualidade, mas por ser mais provável, ao contrário do homem negro, de trabalharem na intimidade da família branca” (HOOKS, 2018, p. 45).

Na ótica dos traficantes de escravos era essencial que essa mulher negra, que seria vendida como cozinheira, ama de leite e serviçal doméstica, fosse “de tal forma aterrorizada que se submetesse, passiva, à vontade do senhor, da senhora e de seus filhos brancos” (HOOKS, 2018, p. 45), e nisso residiria a importância da quebra do orgulho e da independência do espírito africano, para adequá-las a conduta desejada pelo senhor de escravos na dupla capacidade da escravizada de trabalhar e gerar novos escravos (HOOKS, 2018).

A professora Kellie Carter Jackson (2020), afirma que “as histórias das mulheres escravizadas passaram tempo demais na periferia dos estudos acadêmicos e do engajamento social” (JACKSON, 2020, p. 10). Nessa perspectiva, ao divulgar sobre a vivência de mulheres escravizadas, se abre a cortina do esquecimento e traz à luz outras narrativas, até então silenciadas e até mesmo esquecidas, sobre a experiência coletiva das mulheres negras, que envolve a luta para sobreviver na diáspora (HOOKS, 2019). As *slave narratives*, mais do que qualquer outro gênero textual, trazem a produção de narrativas confessionais de mulheres escravas e possibilita que o leitor compreenda a complexidade e a diversidade de experiência diaspórica das mulheres negras (HOOKS, 2019).

Diante dos apontamentos de Duarte (2020), Jackson (2020) e hooks (2018, 2019), o presente artigo tem como objetivo dar destaque a dois relatos de

mulheres negras escravas. O primeiro, uma *slave narrative* pertencente a Harriet Ann Jacobs, que sob o pseudônimo de Linda Brent, escreve nos Estados Unidos os *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*, afirmando que “a escravidão é terrível para os homens, mas ainda pior para as mulheres” (JACOBS, 2018, p. 94). O segundo é a carta da escrava brasileira Esperança Garcia, uma cativa do interior da capitania do Piauí. Essa carta denuncia a violência, a desumanização e dá aos leitores do século XXI uma ideia do que foi de fato a escravidão para a vida dos cativos brasileiros (SOUZA, 2015). O relato de Esperança Garcia chega até o leitor dos nossos dias “a partir do próprio olhar de uma escrava negra, que apesar de cativa, domina a palavra escrita, utilizando-a para se defender da violência do sistema escravista” (FERREIRA, 2008, p. 96).

A pesquisadora afro-portuguesa Grada Kilomba (2019), tece reflexões sobre o motivo pelo qual o afrodescendente, como sujeito, foi e continua a ser silenciado do ponto de vista colonial. A resposta de conclusão para as reflexões de Kilomba (2019) resulta no choque e na negação de um *outro ponto de vista*, em que o detentor do poder, o homem branco colonizador, estaria exposto a verdades incômodas, “negadas, reprimidas e guardadas como segredos” (KILOMBA, 2019, p. 41). Verdades que vão contra as negações desse opressor com relação à voz crítica do sujeito afrodescendente, que está carregada de denúncias. Verdades estas, que indicam a precariedade do período colonial. O que Grada Kilomba (2019) aponta é um fator que, se aplicado à visão e ao contexto da afrodescendência, fortifica ainda mais a ideia de construção da contra narrativa da diáspora negra, que se instaurou à margem das visões da cultura branca dominante e que evoca para si o direito à voz.

A pensadora e feminista negra Djamila Ribeiro (2019) afirma que “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO, 2019, p. 25). A fala de Ribeiro (2019) ocasiona a reflexão sobre a importância de se pensar no rompimento da voz única de valores de branquitude, e que, nessa ruptura, revele-se a urgência pela quebra dos silêncios instituídos pelo colonizador.

À luz do ponto de vista de Kilomba (2019) e Ribeiro (2019), este artigo constrói a maior parte de sua base argumentativa a partir de ideias de autores afrodescendentes como: bell hooks (2018, 2019), Eduardo de Assis Duarte (2005, 2020), Elio Ferreira (2008, 2014), Elio Ferreira de Souza (2015, 2017, 2022), Henry Louis Gates Jr (2014), Kellie Carter Jackson (2020), Luiz Silva Cuti (2010) e Paul Gilroy (2001) e outros autores e pesquisadores, que ajudam a fortificar e preencher as lacunas teóricas acerca da escravidão nas Américas.

A metodologia escolhida para este artigo é a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório com uma abordagem qualitativa (GIL, 2002). A escolha para esse tipo de metodologia se relaciona com o fato de que a aproximação com o objeto pode ser dada a partir de fontes bibliográficas e outros materiais teóricos já desenvolvidos (GIL, 2002). Portanto, esse tipo de metodologia possibilita um amplo alcance de informações e permite a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção e na melhor definição do quadro conceitual e comparativo que envolve as questões discutidas no artigo.

Sem se prender a teóricos da escrita de si e da autobiografia, a primeira seção deste artigo apresenta um panorama sobre as principais *slave narratives* no

Continente Americano e cita algumas dessas narrativas, seu país de origem e se a mesma apresenta tradução para nosso idioma. Além dos textos registrados oficialmente como *slave narratives*, estão incluídos aqui a biografia de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz e a carta da escrava Esperança Garcia, ambas trazidas à tona graças as pesquisas de Luiz Mott.

A segunda seção mostra experiência da escravidão contada pelo ponto de vista da cativa norte-americana Harriet Ann Jacobs, salientando os horrores da dupla opressão e exploração causada pelas condições de mulher negra e escrava. O relato de Jacobs “é um testemunho da violência emocional, física e sexual à qual as mulheres eram sujeitadas nas mãos dos seus escravizadores” (JACKSON, 2020, p. 11).

A terceira seção é fortemente apoiada nas ideias de Elio Ferreira de Souza (2015, 2022). Ela se dedica a apresentar a carta da escrava Esperança Garcia, que “é um testemunho raro e precioso da crônica da escravidão no Brasil, pelo seu significado para a vida, a cultura e a história do negro brasileiro” (SOUZA, 2022, p. 290). Souza (2015) também aponta características de *slave narratives* no documento e afirma que a epístola é uma “gênese literária afro-brasileira” (SOUZA, 2015, p. 1).

Por fim, a última seção do artigo mostra o paralelo entre o texto norte-americano da ex-escrava de Harriet Ann Jacobs e a epístola da escrava brasileira Esperança Garcia para reafirmar o valor documental dessas narrativas frente a história do povo negro, o que torna ambas essenciais para entender as experiências das mulheres escravizadas durante a colonização.

## Os relatos dos escravos nas Américas

A literatura afrodescendente nasce a partir da experiência dos grupos populacionais negros diante do processo diaspórico e de sua experiência nos países americanos. Essa literatura se põe a frente de lutas, denúncias e valorização da ancestralidade, assim como também, resgata a memória dos horrores causados pela escravidão colonial e suas sequelas no continente. A raiz dessa literatura está no Continente Africano, nas comunidades de cultura oral. Nessas comunidades, cabia a figura *griot* ser o guardião da palavra, da história e das estórias dos ancestrais de longínquas épocas de sua gente de origem.

Longe de sua terra e de seu povo, cada homem e mulher africano, após sobreviver a difícil e apavorante travessia do Atlântico para às Américas se assume intimamente como “*Griot da Diáspora*” (SOUZA, 2017). Esses novos *griots*, trazem para o continente americano canções, mitos, e religiosidade do seu antigo lar. Na América, os indivíduos negros, em sua condição de escravizados, se reinventam em um novo ser negro, “fundindo o mito, o imaginário, o que lhes restara dos fragmentos da consciência africana com o novo aprendizado, este adquirido na terra do cativo” (SOUZA, 2017, p. 86).

Para o homem branco colonizador a subjetividade e o processo de adaptação e assimilação cultural do escravizado não eram importantes, muito pelo contrário, “por todo o período da escravização no Brasil e no mundo, a expressão do escravizado ficou tolhida. Aliás, calar o outro é uma das táticas para dominá-lo” (CUTI, 2010, p. 48). O professor e sociólogo Paul Gilroy, afirma que “é importante

lembrar que o acesso dos escravos a alfabetização era frequentemente negado sob pena de morte” (GILROY, 2001, p. 160), o que, por sua vez, tornava mais difícil manter viva, por meio da escrita, a história e os relatos de maneira direta, partindo do indivíduo negro escravo, sobre as atrocidades do período escravagista no Novo Mundo.

Os grandes e pequenos senhores, primeiramente não demonstravam e nem teriam qualquer interesse em registrar os horrores causados pelo sistema da escravagista. Secundamente, o acesso às letras, por parte dos escravos, era reprimido, pois este acesso à palavra escrita poderia facilitar a comunicação entre os grupos de cativos, que por sua vez, estimularia a organização de rebeliões.

Além das situações citadas anteriormente, o professor, escritor e pesquisador Elio Ferreira (2008), salienta que as barreiras linguísticas e culturais também tornavam difícil a integração e o acesso dos escravizados e sua descendência às normas ou padrões da língua do colonizador europeu. Esta série de fatores resultou em um silêncio histórico por parte da maioria dos escravizados e sua descendência, até mesmo em gerações nascidas fora do regime escravocrata, já que a “violência colonial serviu para impor limites à expressão dos escravizados. Esse silêncio impositivo atravessa o tempo, naturaliza-se” (CUTI, 2010, p. 48).

Perante este cenário hostil, poucos escravos e ex-escravos conseguiram de alguma forma obter o acesso a escrita e a leitura. Ao alcançar tal façanha, estas vítimas da escravidão encontram um meio para contar ao público leitor seus relatos. Seja escrito a próprio punho ou através de relatos do próprio escravizado a um terceiro, este tipo de texto é conhecido como *slave narrative*.

As *slave narratives*, são testemunhos pessoais, autobiográficos, escritos por homens negros e mulheres negras que vivenciaram a escravidão de seus corpos. Em geral esses escritos memorialísticos se voltam para a denúncia do modo de produção escravista e neles os autores se empenham em fazer de seus relatos peças retóricas a favor do fim do regime escravocrata (DUARTE, 2020).

Eduardo de Assis Duarte (2020) reflete que ao falar, o escravo quase sempre contava, em primeira instância, de sua dor, obviamente advinda de sua condição de homem ou mulher cuja humanidade havia sido arrebatada. Para Duarte (2020) isso explicaria a escolha pelos relatos autobiográfico, “seja como denúncia alicerçada na evidência histórica, seja como artifício retórico de convencimento calcado na brutalidade revelada por quem a sofreu” (DUARTE, 2020, p. 78).

Os Estados Unidos da América é o país que concentra a maioria desses relatos. Muitos deles escritos pelos próprios escravos, sendo os mais antigos datados do século XXVIII. O professor, historiador e crítico literário afro-americano Henry Louis Gates Jr (2014), destaca que os testemunhos pessoais bem elaborados dos negros norte-americanos que passaram um período de suas vidas como escravos, são narrativas muito instigantes e que constituem uma matéria-prima fundamental ao completo entendimento da história americana, contada a partir do ponto de vista das vítimas da instituição odiosa da escravidão. São exemplos deste tipo de narrativa: *A narrative of the most remarkable particulars: in the life of James*

*Albert Ukawsaw Gronniosaw*<sup>1</sup> (1772) (ANDREWS e GATES JR, 2000); *Interesting narrative of the life of Olaudah Equiano*<sup>2</sup> (1789) (ANDREWS e GATES JR, 2000); *Narrative of the life of Frederick Douglass, an american slave, written by himself* (1845).

De acordo com professora Kellie Carter Jackson (2020), a *Narrativa da vida de Frederick Douglass, um escravo americano* publicada em 1845, se tornou um bestseller imediato, “o livro vendeu mais de onze mil exemplares nos três primeiros anos após seu lançamento, sendo reimpresso nove vezes e traduzido para o francês e o holandês para circular na Europa (JACKSON, 2020, p. 7). A narrativa de Frederick Douglass já se encontra traduzida em nosso país por algumas editoras, no entanto, vale ressaltar que Paul Gilroy aponta que “Douglass, [...] publicou três autobiografias, reescrevendo sua história de vida e reformulando sua persona pública em diferentes fases de sua vida” (GILROY, 2001, p. 131).

São também *slave narratives* estadunidenses: *Narrative of William W. Brown, a fugitive slave* (1847) — Esta *slave narrative* já se encontra traduzida em nosso idioma sob o título de *Narrativa de liberdade de William Wells Brown, escravo fugitivo escrita por ele mesmo* (2020). De acordo com o professor Calvin Schermerhorn (2020), o relato de William W. Brown; foi publicado no bastião abolicionista de Boston pela Sociedade Antiescravista de Massachusetts em julho de 1847 e “é um apelo exaltado à abolição da escravidão nos Estados Unidos e, por consequência, em todo o mundo” (SCHERMERHORN, 2020, p. 7) —, *Narrative of the life and adventures of Henry Bibb, an american slave written by himself*<sup>3</sup>(1849) (ANDREWS e GATES JR. 2000); *Narrative of Sojourner Truth, a northern slave, emancipated from bodily servitude by the state of new york, in 1828. with a portrait* (1850) — Traduzido para o Brasil como: *E eu não sou uma mulher?: A narrativa de Sojourner Truth* (2020), o livro apresenta o discurso da escrava, juntamente com sua história de vida. Por ser iletrada Sojourner Truth acaba por relatar sua vivência na escravidão a um terceiro, que por fim escreve e lança a obra.

Outros textos de narrativas escravas norte-americanas são: *Twelve Years a Slave* (1853) — *Doze anos de escravidão* ganha uma edição em português do Brasil no ano de 2014. Esse relato é a história de vida contada por Solomon Northup, homem negro e livre, que em 1841, foi sequestrado por comerciantes de escravos e submetido durante doze anos a servir como escravo a senhores no estado da Luisiana (GATES JR, 2014)—, *Running a thousand miles for freedom or, the escape of William and Ellen Craft from slavery*<sup>4</sup> (1860) (ANDREWS e GATES JR. 2000); *Incidents in the life of a slave girl. Written by Herself.* (1861) — Harriet Ann Jacobs, “foi a primeira escrava fugitiva a escrever sua própria narrativa nos Estados Unidos” (JACKSON, 2020, p. 12). O seu relato tem tradução no Brasil desde 1987, e

---

<sup>1</sup> Em livre tradução “Uma narrativa dos detalhes mais notáveis na vida de James Albert Ukawsaw Gronniosaw”. Este escravizado foi um príncipe africano, que relatou sua experiência no ano de 1772 (ANDREWS e GATES JR, 2000).

<sup>2</sup> Em livre tradução “A interessante narrativa da vida de Olaudah Equiano”, também conhecido como Gustavus Vassa, o africano. Esta *slave narrative* foi escrita pelo próprio escravizando no ano de 1789 (ANDREWS e GATES JR, 2000).

<sup>3</sup> Em livre tradução: “Narrativa da vida e aventuras de Henry Bibb, um americano Escravo, escrito por ele mesmo”

<sup>4</sup> Em livre tradução: “Correndo Mil Milhas pela Liberdade; ou a Fuga de William e Ellen Craft da escravidão”

recentemente também ganhou novas edições e traduções, porém, algumas dessas traduções omitem o termo *girl* (garota/menina) no título, mesmo que a autora deixe claro que percebeu sua condição de escrava logo na infância e ainda dê ênfase aos abusos sofridos enquanto era uma menina de quatorze anos — E por último, a *Narrative of the life of J. D. Green, a runaway slave, from Kentucky, containing a account of his three escapes, in 1839, 1846, and 1848*<sup>5</sup> (1864) (ANDREWS e GATES JR, 2000).

Além desse conjunto de narrativas publicadas até o século XIX e citadas anteriormente, existe nos Estados Unidos da América um número de narrativas coletadas posteriormente, no início do século XX, por entrevistadores do governo, que buscaram registrar os relatos de indivíduos que haviam vivenciado a escravidão. Esse outro grupo de relatos de escravos foram coletados “pelo Projeto Federal de Escritores (FWP, Federal Writers’ Project) durante a presidência de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945)” (ESCOTT, 2020, p. 9).

Imersos em um contexto de preconceitos e estigmatização que resultou em um período de segregação racial nos EUA, “em geral, os ex-escravos eram pobres, lutando contra a fome e a pobreza, e tinham a esperança de obter uma pensão ou alguma outra forma de auxílio do governo” (ESCOTT, 2020, p. 13). Para o professor Paul D. Escott (2020), essas consequências desagradáveis resultantes da escravidão juntamente com entrevistadores brancos do FWP, afetaram a natureza dos relatos dos entrevistados, já que, diante do contexto violento da segregação racial “os ex-escravos estavam cientes da necessidade de observar todas as regras da etiqueta racial” (ESCOTT, 2020, p. 13).

Escott (2020) assevera que para não ofender os entrevistadores brancos, os ex-cativos, majoritariamente, começavam seus relatos dizendo coisas positivas sobre seus antigos donos e a sua experiência sobre a escravidão. O pesquisador justifica essa atitude como um meio para se evitar os conflitos em condições de extrema necessidade, pois, neste caso, a prioridade dos ex-escravos “era mostrar à pessoa branca mais poderosa que eles entendiam o seu lugar no mundo e reconheciam o fato e as regras da subordinação racial” (ESCOTT, 2020, p. 13).

Diante deste cenário, Escott (2020) destaca que alguns dos entrevistados “podem ter relutado em revelar para um estranho as experiências humilhantes ou degradantes que sofreram. Mas os comentários positivos quase nunca eram toda a história, e muitas entrevistas revelaram casos aterradores” (ESCOTT, 2020, p. 14).

No Brasil, foi lançado a coletânea *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos* (2020), que apresentam parte desses relatos provenientes do século XX. Nessas narrativas coletadas, “pouquíssimos indivíduos tiveram a coragem de condenar a crueldade ou a injustiça desde o primeiro momento das suas entrevistas” (ESCOTT, 2020, p. 14). Embora que, esses relatos partam de “um contexto social baseado em coerção e falta de liberdade” (ESCOTT, 2020, p. 15), assim como também, na miséria e no medo. Mesmo assim “a imagem da escravidão formada pelas narrativas geralmente é crítica, tenha o ex-escravo trabalhado na lavoura ou em casa” (ESCOTT, 2020, p. 17).

---

<sup>5</sup> Em livre tradução: “A narrativa e a vida de J. D. Green, um escravo fugitivo, do Kentucky, contendo também suas três fugas em 1839, 1846 e 1848”.

Para a teórica afro-americana bell hooks (2019), embora as autobiografias ou qualquer outro tipo de narrativa confessional sejam frequentemente desvalorizadas pelas faculdades norte-americanas de letras, esse é um gênero literário que “sempre teve um lugar privilegiado na história da literatura afro-americana (HOOKS, 2019, p. 125), pois, na perspectiva da autora, como literatura de resistência, essas narrativas confessionais de pessoas negras escravizadas são didáticas, já que partem de um ponto de vista interno do sujeito-autor que vivenciou e escreveu sua experiência.

Na região do Caribe, especificamente nas Bermudas, destaca-se “*A história de Mary Prince*, editada na Inglaterra em 1831” (DUARTE, 2020, p. 76). De acordo com a professora Edinelia Maria Oliveira Souza (2019), a autobiografia de Mary Prince, foi o primeiro relato pessoal de uma mulher escrava, impresso no Reino Unido, o que “a tornou precursora de outras tantas narrativas de escravizados que proliferaram na época e contribuíram sobremaneira com as lutas abolicionistas do século XIX” (SOUZA, 2019, p. 141).

Em Cuba, há o caso do escravo Juan Francisco Manzano e sua *slave narrative*, que para Elio Ferreira (2014) é um relato “comovedor e estratégico, uma espécie de ímã que seduz o leitor para dentro dos episódios e lugares nefastos da escravidão, onde o escravo é aviltado e tratado com requintes da crueldade” (FERREIRA, 2014, p. 370).

De acordo com a pesquisadora Lilian Ramos da Silva (2015), o texto de Juan Francisco Manzano foi escrito por volta de 1835, e em 1837 divulgado em Cuba. Este relato também é publicado em Londres no ano de 1840 sob o título de *Life of the Negro Poet*. O relato foi traduzido e patrocinado na época pelo abolicionista Richard Madden. Para Elio Ferreira (2014), a *slave narrative*, de Juan Francisco Manzano é “um exemplar importantíssimo, uma pérola das narrativas escravas escrita pelo próprio negro, este um ex-escravo cubano, o que significa uma gênese da narrativa autobiográfica na literatura afrodescendente do seu país” (FERREIRA, 2014, p. 370). O livro de escravo Juan Francisco Manzano foi traduzido para o português brasileiro no ano de 2015.

Para o historiador e professor Sidney Chalhoub (2012), de acordo com as estimativas de pesquisas, em todo o período de tráfico negreiro para o Brasil, desde o século XVI, até os anos de 1850, no século XIX, chegaram aqui mais de 4,8 milhões de africanos escravizados. Destas tantas vidas negras “a quase-totalidade morreu sem deixar nenhum registro de suas vidas; com seu suor e sangue construíram essa nação, heróis e vítimas do nosso triste passado escravista” (MOTT, 1993, p. 7). Com um contingente tão grande de escravizados, no Brasil “não há recordações ou memórias de escravos, tão abundantes como nos Estados Unidos” (MATTOSON, 2016, p. 35).

De acordo com o historiador e tradutor Fábio R. de Araújo (2020), a razão para a quase inexistência de informações escritas por escravos no período escravagista brasileiro, é que a alfabetização deles, em nosso país, era estritamente proibida, até mesmo para aqueles alforriados ou nascidos livres.

A fala de Araújo (2020) é afirmada a partir da primeira legislação sobre educação em nosso país, a Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837 que trata sobre Instrução Primária na Província do Rio de Janeiro e deixa claro em seu artigo 3º, que são proibidos de frequentar as escolas públicas “1º Todas as pessoas que

padecerem molestias contagiosas. 2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (BRASIL, 2005, p. 199).

Desta maneira, aos negros, era negado a permissão de frequentar aulas. "Os poucos senhores e padres que decidiam ensinar os escravos a ler e a escrever estavam violando as regras estabelecidas e eram sujeitos a penas rígidas"(ARAUJO, 2020, p. 11). Este período de proibição educacional vai durar até a abolição da escravatura em 1888 (ARAUJO, 2020).

Para o antropólogo, historiador, pesquisador e ativista Luiz Mott (1993) apenas uma pequena parcela dos africanos escravizados e sua descendência, receberam algum tipo de registro. Este registro, por sua vez, era apenas de ordem burocrática. Para o pesquisador, tal lacuna documental se torna muito evidente se comparada aos Estados Unidos, onde escravizados como Frederic Douglass e Harriet Ann Jacobs já escreviam e divulgavam suas próprias autobiografias (MOTT, 1993). A comparação de Luiz Mott (1993) deixa a entender "o quão afastados foram mantidos os negros na América Portuguesa dos segredos da escrita"(MOTT, 1993, p. 7), pois o Brasil não dispõe de nenhuma biografia de escravizados que viveram no país, salvo os manuscritos de 1757 assinados pela escravizada Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Rosa Egípcíaca, que foi biografada pelo próprio Luiz Mott na obra *Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil* (1993).

Luiz Mott (1993) infere que a escravizada Rosa Egípcíaca foi traficada da África aos 6 anos de idade e a partir daí começa a conhecer os horrores da escravidão. O autor ainda destaca que a escravizada teria morrido anônima como tantas outras, se não tivesse caído nas garras do tribunal da Santa Inquisição. Para Mott (1993) a escrava Rosa Maria Egípcíaca foi, não apenas a primeira africana no Brasil a conhecer os segredos da leitura e da escrita, como também é provavelmente "a primeira escritora negra de toda história, pois chegou a reunir centenas de páginas manuscritas de um edificante livro: *Sagrada Teologia do Amor de Deus, Luz Brilhante das Almas Peregrinas*" (MOTT, 1993, p. 8). De acordo com o pesquisador, infelizmente, o livro em destaque foi queimado às vésperas de sua detenção, restando apenas algumas poucas folhas originais.

Por estes motivos Luiz Mott (1993) asseverou que Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz é provavelmente a mulher africana do século XVIII sobre a qual se tem o maior número de informações biográficas. Estas informações são possíveis graças a dois processos arquivados na Torre do Tombo em Portugal, que contém as confissões de Rosa Egípcíaca, além de uma preciosa coleção de 55 cartas assinadas pela escravizada e seu Capelão Exorcista a serviço do Santo Ofício de Lisboa.

Além de Rosa Egípcíaca, outro escravo que viveu no Brasil foi Mahommah Gardo Baquaqua. Baquaqua era um homem livre que foi capturado e escravizado. Ele viveu como escravo no Brasil por cerca de dois anos (ARAUJO, 2020). Sua história de vida foi publicada nos Estados Unidos em 1854. Fábio R. de Araújo (2020) afirma que a biografia de Baquaqua foi escrita por um terceiro (Samuel Moore), que recebeu um pagamento pelo trabalho de escrever e publicar o relato do escravizado. A *slave narrative* foi originalmente impressa no ano de 1854 com fundos do próprio Mahommah. Essa biografia, "além de relatar os momentos de escravidão no Brasil [...], inclui informações sobre a vida, o trabalho e a cultura na África no século XIX" (ARAUJO, 2020, p. 8).

O professor Elio Ferreira de Souza (2015), defende que naquilo que se consta na crônica sobre a escravidão em nosso país, poucos cativos romperam o bloqueio imposto pelo colonizador a palavra escrita. Para este pesquisador, são exemplos o poeta Luiz Gama (1830 – 1882), que vivenciou a experiência de cativo na infância ao ser “vendido como escravo pelo próprio pai” (DUARTE, 2005, p. 127). O referido poeta “foi um dos grandes militantes do movimento abolicionista de seu tempo. Saído da escravidão, em pouco tempo se fez notar no universo dos homens de letras de São Paulo do século XIX” (AZEVEDO, 2020, p. 71). No entanto, Gama não deixou nenhum registro escrito, conhecido até então, de sua experiência pessoal no cativeiro, embora que como poeta tenha sido um dos principais nomes precursores da literatura afro-brasileira.

Outro caso excepcional de cativo que aprendeu a ler ainda na condição de escravo, apontado por Souza (2015) é a escrava Esperança Garcia. Esta escrava, que de próprio punho redigiu uma carta e a direcionou ao Governador da Capitania do Piauí. Entusiasta desta epistola, o professor Elio Ferreira de Souza (2015), defende que não seria precipitado afirmar que a carta de Esperança Garcia “é uma gênese da literatura afro-brasileira, um texto precursor que imprime e anuncia uma escritura feminina pelo tom reivindicatório” (SOUZA, 2015, p. 5). Para este pesquisador o relato escrito por Esperança Garcia envolve a uma rede de acusações e denúncias ao administrador das fazendas de gado da Coroa Portuguesa no Piauí. Para Souza (2015) esse tipo de experiência é também recorrente nas diversas *slave narratives* norte-americanas, além de que, a carta “tenta abrir a porta de entrada e saída para a humanidade do negro escravizado, o que significa o desejo de reapropriação do corpo e da memória fraturados, violados e violentados” (SOUZA, 2015, p. 5).

Os relatos desses homens e mulheres cativos nos países da América mostram a luta contra a degeneração da dignidade humana de si próprios e de seus irmãos de cor, ainda acorrentados aos grilhões do senhor branco e colonizador, de modo que “as *slave narratives* nos levam a refletir, [...] sobre a escrita oriunda dos silenciados da história” (DUARTE, 2020, p. 77). Essas narrativas são peças que mostram o ponto de vista daqueles que sofreram o desumano e devastador processo escravagista colonial imposto aos diversos povos africanos capturados na diáspora. As *slave narratives* estão carregadas de dor, de denúncias, que indicam a precariedade do período da escravidão. Esse tipo de texto se torna extremamente importante por atestar a dificuldade de fala interior no regime de escravidão de indivíduos inseridos em um contexto de extrema violência e exploração.

Paul Gilroy (2001) atesta que “se a história da escravidão chega a ser percebida como relevante ainda assim é considerada uma tarefa para autores negros” (GILROY, 2001, p. 115). Na perspectiva deste pesquisador, a história de escravidão se torna uma propriedade específica e importante para os intelectuais afrodescendentes. A afirmação de Paul Gilroy (2001), pode ser notoriamente aplicada ao contexto brasileiro em que ainda, na contemporaneidade, existe um forte racismo vigente, que promove nos bens culturais de consumo uma “estigmatização dos elementos oriundos da memória cultural africana e o apagamento deliberado da história dos escravizados e seus descendentes” (DUARTE, 2005, p. 118). Isto se atesta ao se observar as poucas traduções de *slave narratives* disponíveis no Brasil, tendo em vista que o país foi o que mais traficou

escravos e mais tarde os libertou, sem garantir qualquer direito ou cidadania, ou até mesmo no resgate e memória da escravidão, como podemos observar na falta de novas edições sobre Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, no reconhecimento tardio da figura de Esperança Garcia e ainda no registro e divulgação de literatos autoreconhecidos como afrodescendentes do Brasil.

O professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2005) assevera que, no caso do campo literário, a produção afro-brasileira sofreu muito ao longo do tempo, “impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita” (DUARTE, 2005, p. 114). Para o pesquisador em outros casos, ainda existe um apagamento deliberado de vínculos autorais e, até mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros.

Para somar aos apontamentos feitos por Gilroy (2001) e Duarte (2005), destaca-se o pensamento do professor Elio Ferreira de Souza (2022) que afirma que a História e a memória das pessoas negras no Brasil vêm sendo silenciadas e desvirtuadas, há quase quinhentos anos, e mesmo nos dias contemporâneos há “ressurgido discursos e práticas racistas, colonialistas e, necropolíticas, responsáveis pelo genocídio de milhares de jovens e crianças negras nos morros, comunidades e periferias pobres das metrópoles brasileiras” (SOUZA, 2022, p. 290).

### **Harriet Ann Jacobs: o ponto de vista da mulher escrava nos Estados Unidos da América**

Para bell hooks (2019), nenhuma história de luta de uma mulher negra para se autodefinir é tão poderosa quanto a narrativa de Harriet Ann Jacobs. Para autora, nessa *slave narrative*, temos a voz consciente a todo tempo de como a condição de mulher torna a escravidão ainda mais dolorosa. A autora também atesta que este relato “cria uma base poderosa para a construção de uma subjetividade radical das mulheres negras” (HOOKS, 2019, p. 108). Harriet Ann Jacobs, sob pseudônimo de Linda Brent, no ano de 1861 publica por conta própria *Incidents in the life of a slave girl. Written by Herself*. Este livro é um marco importante da literatura internacional e relata o drama da vida de mulher escrava (SOUZA, 2019).

Essa narrativa em primeira pessoa, revela aspectos importantes do cotidiano de uma escrava doméstica nos Estados Unidos da América. Ao observar principalmente a especificidade da mulher escrava em várias fases da vida, a autora torna esse ponto, em específico, uma característica forte de seu texto. Harriet, tece suas reflexões usando, quase sempre, o paralelo entre as mulheres brancas livres e as mulheres negras cativas e assim mostra aos leitores de sua obra o abismo existente entre as duas condições sociais.

Filha de um escravo carpinteiro e de uma escrava doméstica, Harriet Ann Jacobs percebe sua condição de escrava durante a infância, a partir dos eventos da morte de seus pais e depois com a morte de sua senhora, a qual, ensina a garota a ler e a escrever, privilégio esse que “cai na sina de um escravo tão raramente”

(JACOBS, 2018, p. 10), mas que infelizmente a deixou, assim como os outros escravos, para ser dividida junto com os outros bens entre seus herdeiros.

Harriet, destaca que certa vez viu duas meninas brincando “uma delas era uma bela criança branca; a outra era sua escrava, e, portanto, sua irmã” (JACOBS, 2018, p. 36) e por isso teve “a previsão do flagelo que cairia sobre o coração da pequena escrava” (JACOBS, 2018, p. 36). O fato de a autora usar a palavra “irmã” para se referir a criança escrava faz referência ao fato de que mesmo sob uma sociedade conservadora, o intercuro e o abuso sexual entre o senhor para com as escravas era algo constante e sabido no íntimo da família escravocrata. A autora confirma esse ponto de vista ao relatar que as “mulheres do Sul geralmente se casam com um homem sabendo que ele é pai de diversos escravinhos” (JACOBS, 2018, p. 44). Isto não as incomodam, pois essas mulheres consideram essas crianças bastardas “sua propriedade, comercializáveis como porcos na lavoura; é raro que não deixem isso bem claro, pondo-as nas mãos de um traficante de escravos logo que possível e se livrando, assim, das crianças” (JACOBS, 2018, p. 44). Além disso o nascimento de novos escravos representava mais mão de obra e uma possibilidade de mais lucros. Esta ação era vista com bons olhos, tendo como prerrogativa que “a reprodução era outro método legítimo de explorar sexualmente as negras” (HOOKS, 2018, p. 73)

Quanto ao flagelo que ela prevê no futuro da pequena escrava refere-se a próxima etapa de sua vida, a adolescência. Durante a adolescência é que os tormentos sexuais e a degeneração entram na vida de Harriet Ann Jacobs e de outras tantas meninas de mesma condição. A autora destaca o quão doloroso foi esta fase, ao entrar no seu décimo quinto ano de idade “uma época triste na vida de uma garota escrava. Meu mestre começou a sussurrar palavras obscenas em meu ouvido” (JACOBS, 2018, p. 33-34).

Desde os primeiros encontros com o seu mestre, Harriet foi atormentada. O mestre não a violou, mas deixou claro suas intenções futuras, verbalizando para a menina a intensão de possuí-la. A partir da coerção sofrida, Harriet confessa que: “ele dissera que fui criada para seu uso, feita para obedecer seus comandos, fossem quais fossem, que eu não era nada além de uma escrava, cujo desejo deve ou deveria se submeter ao dele” (JACOBS, 2018, p. 21), e acrescenta posteriormente o quão degradante foi ser “forçada a viver sob o mesmo teto que ele — onde via um homem quarenta anos mais velho violando o mais sagrado dentre os mandamentos da natureza” (JACOBS, 2018, p. 34). Ela não seria um caso isolado de abuso e perversão de seu senhor, pois a escrava escreve também que seu mestre “era pai de onze escravos” (JACOBS, 2018, p. 43).

A ativista bell hooks (2018) destaca que “a exploração sexual de jovens escravas ocorria depois de elas deixarem o casebre ou cabana dos seus progenitores para trabalhar na casa da família branca” (HOOKS, 2018, p. 53). Nessa perspectiva, o caso narrado em *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*, ilustra o fato que os senhores “brancos queriam que as negras cativas aceitassem passivamente a exploração sexual como direito e privilégio dos que detinham o poder” (HOOKS, 2018, p. 56).

Além de enfrentar a opressão sexual do seu senhor, Harriet Ann Jacobs, encontra como consequência, para as atitudes do seu proprietário, o ciúme da esposa do senhor de escravos. Harriet “era objeto de seus ciúmes e,

consequentemente, de seu ódio; além disso, sabia que não podia esperar por gentileza ou confiança dela sob as circunstâncias em que me encontrava” (JACOBS, 2018, p. 41).

E por fim, Harriet Ann Jacobs ao ilustrar o que acontece com as escravas adolescentes, desmascara corajosamente a família tradicional escravocrata, mostrando que, embora os brancos estejam acima dos escravos eles também, de alguma forma, são atingidos pela podridão do humus da escravidão que corrompe a moral de todos os habitantes da casa grande:

A garota cativa é criada em uma atmosfera de licenciosidade e medo. Seus professores são o açoite e a conversa vulgar vinda do mestre e seus filhos. Quando tem quatorze ou quinze anos, seu proprietário, os filhos dele, o capataz ou ainda todos eles, começam a subordiná-la com presentes. Se fracassam em seus propósitos, ela é chicoteada ou passa fome até que se submeta a tais desejos [...]. Os filhos do senhor de engenho são, é claro, pervertidos ainda jovens pelas influências impuras que estão nos arredores e em toda a parte. Nem as filhas do mestre escapam. Retribuições severas às vezes recaem sobre este mestre pelos males que causou contra as filhas dos escravos. As filhas brancas ouvem desde cedo seus pais brigarem por causa de alguma mulher cativa. Sua curiosidade é excitada e elas logo descobrem o motivo. Elas são servidas pelas jovens garotas cativas que seus próprios pais corromperam, e ouvem conversas que nunca deveriam chegar (JACOBS, 2018, p. 63).

As descrições feitas por Harriet Ann Jacobs “é um testemunho da violência emocional, física e sexual à qual as mulheres eram sujeitadas nas mãos dos seus escravizadores” (JACKSON, 2020, p. 12).

A condição de mãe escrava também é constantemente ilustrada no texto. Sempre envolta em descrições que envolvem tristeza, dor e medo, as descrições de Harriet Ann Jacobs denunciam a crueldade infligida as mães negras, que tem como destino ver a venda do corpo dos próprios filhos. Segundo a autora o tormento para essas mães começava no período de ano novo, momento em que tradicionalmente ocorriam os leilões e a venda de escravos.

[...] para a mãe escravizada, o dia de Ano-Novo chega repleto de angústias peculiares. Ela fica sentada no chão frio de sua cabana, assistindo as crianças que talvez sejam tiradas de si na manhã seguinte, e frequentemente deseja que todos os seus filhos morram antes que o dia nasça. Ela pode ser uma criatura ignorante, degradada pelo sistema que a brutalizou desde a infância, mas possui instintos maternos e é capaz de sentir as agonias de uma mãe (JACOBS, 2018, p. 18-19).

Enquanto para as mães brancas, o ano novo “é uma época agradável, e a luz do dia é uma benção” (JACOBS, 2018, p. 18), para uma mãe escravizada era uma época sombria e extremamente discrepante da realidade de uma mãe branca, pois, o leilão de escravos era “a arma mais poderosa contra as famílias escravas”

(JACKSON, 2020, p. 16). A autora ainda conta o dia em que presenciou a situação em que uma escrava teve todos os seus sete filhos vendidos:

Em um desses dias de venda, vi uma mãe levar sete de seus filhos ao leilão. Ela sabia que alguns deles seriam levados, mas todos se foram. As crianças foram vendidas para um traficante de escravos, e a mãe foi comprada por um homem de sua própria cidade. [...] Encontrei essa mãe nas ruas outro dia, e a imagem de seu rosto selvagem, abatido, ainda povoa minha mente. Ela juntou as mãos em angústia e exclamou: “se foram! Todos se foram! Por que Deus não me mata?” Na ocasião, eu não tinha palavras para confortá-la. Exemplos do tipo ocorrem diariamente, sim, a cada hora (JACOBS, 2018, p. 19).

A própria avó materna de Harriet passou pelo tormento de ter seus filhos vendidos. Primeiramente, divididos entre os herdeiros da família proprietária e em seguida, vendidos no mercado de escravos. Harriet observa que mesmo após anos de serviço exemplar e dedicação a família dos mestres, não adiantou, pois os filhos de sua avó são corpos negros, ou seja, mercadorias: “apesar dos longos e fiéis serviços prestados por minha avó, nenhum de seus filhos escapou do leilão” (JACOBS, 2018, p. 10).

Para a professora Kellie Carter Jackson (2020), em *Incidents in the life of a slave girl*, Harriet, revela aspectos muito íntimos da vida em cativeiro, são estes, a violência sexual e a maternidade. De acordo com Jackson (2020), as palavras de Harriet, oferecem ao leitor “um retrato austero e chocante do que significa ser uma mulher e uma mãe escravizada, tornando Incidentes da Vida de uma Escrava, de longe, a autobiografia mais importante do gênero” (JACKSON, 2020, p. 12).

Junto aos aspectos da maternidade das escravas, a velhice também aparece na *slave narrative*. Jacobs atesta que os “donos de escravos têm um método peculiar a tal instituição, a saber, o de se livrarem de velhos escravos cujas vidas foram desgastadas pelo serviço (JACOBS, 2018, p. 19). Além do exemplo de sua avó, que nos anos finais foi vendida pelo seu proprietário depois de uma vida de serviços obrigados. Harriet Ann Jacobs, mostra o caso de uma escrava<sup>6</sup> que serviu a um mestre por setenta anos e “pelo labor e doença, ela havia se tornado praticamente impotente. Seus proprietários mudaram para o Alabama e a velha foi deixada a vender para qualquer um disposto a comprá-la por vinte dólares” (JACOBS, 2018, p. 19). A partir de sua história e da história de escravos conhecidos do seu cotidiano, Harriet Ann Jacobs mostra ao leitor o descaso para com os velhos cativos, que após uma vida inteira de exploração, são descartados, passados a diante, como peças de segunda mão sem qualquer utilidade.

Em sua *slave narrative*, Harriet Ann Jacobs se torna uma das primeiras autoras “a ilustrar as diferenças salientes da escravatura feminina” (JACKSON, 2020, p. 10). Seu texto mostra como a escravidão afeta as mulheres escravas em diferentes fases da vida, descrevendo todo tormento sexual sofrido, a violência e os maus tratos impostos as mulheres em condição de escravas. Seu relato corajoso mostra como as mulheres escravas “eram suscetíveis à violência sexual e o que

<sup>6</sup> Esta escrava não é identificada com um nome no texto de Harriet Ann Jacobs, a autora apenas afirma que a conheceu e cita sua história de vida.

pouco podiam se defender ((JACKSON, 2020, p. 14). Estes fatores são o que tornam seu livro uma peça essencial para entender as experiências das mulheres cativas, através de uma via direta que parte uma das vítimas.



### **Esperança Garcia: A denúncia de uma escrava no Brasil**

Esperança Garcia foi uma mulher negra e escrava que viveu no século XVIII, na região que hoje é o município de Nazaré do Piauí, numa das Fazendas Reais do Fisco, a Fazenda Algodões (SOUSA, 2018). Esperança, ficou séculos desconhecida até que o pesquisador, historiador e antropólogo Luiz Mott encontrou sua carta, datada em 06 de setembro de 1770. Na epístola, de apenas uma página, se encontra o seguinte conteúdo:

Eu sou hua escrava de V.S administração do Cap.<sup>am</sup> Anto<sup>o</sup> Vieira de Couto, cazada. Desde que o Cap.<sup>am</sup> p<sup>a</sup> Lá foi administrar, q. me tirou da Fazd<sup>a</sup> dos algozois, onde vevia co meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passo m<sup>to</sup> mal. A primeira hé q. há grandes trovoadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q lhe fez estrair sangue pella boca, em min não poço esplicar q Sou hu colcham de pancadas, tanto q cahy huã vez do Sobrado abacho peiada; por mezericordia de Ds esCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por Batizar. Pello ã Peço a V.S pello amor de Ds e do Seu Valim ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Faz<sup>da</sup> aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e Batizar minha Filha  
De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia (GARCIA, 1770, p. 1).

De acordo com Elio Ferreira de Souza (2022), os pesquisadores têm conhecimento da existência de apenas três documentos acerca da vida da escrava Esperança Garcia. Seria o primeiro: a carta endereçada ao Governador da Capitania do Piauí, o segundo “uma carta anônima, sem data e identificação, localizada no Arquivo Histórico do Piauí” (SOUZA, 2022, p. 282), e o terceiro registro seria o “documento “Escravos dos Algudoens”, constante na Relação dos Escravos das Fazendas da Inspeção de Nossa Senhora de Nazareth, de 1778, assinada por Manuel Antunes da Assumpção” (SOUZA, 2022, p. 282), que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional, do Brasil.

Para Luiz Mott (1985), a descoberta da carta manuscrita pela escrava Esperança Garcia no Arquivo público do Estado do Piauí, representa algo duplamente insólito pelos seguintes motivos: o primeiro, por se tratar de uma mulher negra que "ousou" se dirigir por escrito a uma autoridade importante do império, o Governador da Capitania. O segundo, por ela, na condição de escrava, ter acesso as letras, fato incomum em uma sociedade colonial e extremamente machista, em que o domínio da palavra escrita se restringia costumeiramente e por via de regra a uma pequena parte da população masculina, branca e abastada.

A professora Maria Sueli Rodrigues de Sousa (2018) afirma que a carta da escrava Esperança Garcia evidenciou aspectos da história do Piauí até então desconhecidos, tais como a luta por meio da institucionalidade do Estado

Português e a atuação de pessoas escravizadas como fiscalização e controle dos atos de autoridades que faziam a gestão em nome do rei de Portugal. Mesmo diante de evidências tão importantes para a história do Brasil, estes fatos trazidos à tona graças a descoberta da carta de Esperança Garcia, permanecem desconhecidos para uma boa parte da população brasileira.

A atitude de escrever uma carta, por parte de uma escrava, pode ser justificada a partir do contexto histórico local do Piauí Colonial. De acordo com a professora Tanya Brandão (2014), a principal característica da escravidão do Piauí setecentista é a divisão em dois grupos de escravos, são esses, o primeiro grupo pertencente a particulares e o segundo, de propriedade do Rei de Portugal. Para a pesquisadora, esta última categoria de escravos surge no ano de 1762, com a expulsão da Companhia de Jesus do nosso país. Os padres jesuítas, até então, no Piauí colonial “administravam, por força de testamento, o patrimônio deixado por Domingos Afonso Mafrense desde 1711” (BRANDÃO, 2014, p. 168). Entre os diversos tipos de bens que haviam pertencido a esse colonizador, “achava-se uma grande quantidade de escravos” (BRANDÃO, 2014, p. 168). Desta maneira, se entende que os padres Jesuítas foram de suma importância para a região da Capitania do Piauí, pois eles expandiram os domínios das fazendas, agrupando mais terras a sua propriedade, “no entanto, no ano de 1760, com a expulsão da Companhia de Jesus, as fazendas incorporaram-se ao patrimônio real fisco” (COSTA, 2014, p. 78).

Logo, em 06 de setembro de 1770, alguns anos depois da saída dos jesuítas, uma escrava “que supostamente teria aprendido a ler e a escrever com os padres jesuítas” (PERES, 2020, p. 158) e “outrora pertencente à Companhia de Jesus, decide denunciar os maus-tratos que vinha sofrendo do administrador da fazenda” (SILVA, 2014, p. 284) redigindo uma carta e endereçando a autoridade local, o Governador da Província.

Esperança Garcia, entendia as transformações políticas que estavam acontecendo a sua volta, e tinha noção de que sua propriedade humana não pertencia ao então administrador atual da fazenda, mas a Coroa Portuguesa e por isso a escrava “compromete estrategicamente a reputação do capitão Antônio Vieira do Couto perante o Governador da Província” (FERREIRA, 2014, p. 258), como um meio de autodefesa.

Nas primeiras linhas da carta, Esperança Garcia se autorreconhece como escrava da Coroa, e por isso, conseqüentemente inicia a sua denúncia, relatando o tratamento violento o qual era submetida. A priori, a escrava conta uma cena ocorrida com seu filho: “A primeira hé q. há grandes trovoadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q lhe fez extrair sangue pella boca” (GARCIA, 1770, p. 1). O ataque as crianças escravas era uma atividade constante e cruel, pois, como afirma bell hooks (2018), “os negreiros brutalizavam muitas vezes as crianças para verem a angustia nas mães” (HOOKS, 2018, p. 44). Em seguida, Esperança afirma que ela mesma é um verdadeiro “saco de pancadas” e exemplifica também o tipo de tortura sofrido, ao afirmar que foi “peiada”, “amarrada pelos pés, peiada como se fosse um animal” (SOUZA, 2022, p. 284) e que por pouco conseguiu escapar com vida: “em min não poço esplicar q Sou hu colcham de pancadas, tanto q cahy huã vez do Sobrado abacho peiada; por mezericordia de Ds esCapei” (GARCIA, 1770, p. 1).



Posteriormente, a escrava usa como argumento os impedimentos para com as obrigações religiosas, como estratégia para convencer o Governador: “estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por Batizar” (GARCIA, 1770, p. 1). Dessa maneira, a escrava Esperança Garcia expõe “cenas de crueldade para persuadir o branco/destinatário acerca das injustiças e brutalidades do sistema escravagista e reivindicar os direitos que foram retirados de Esperança e colegas do cativo” (SILVA, 2014, p. 280).

Por último, a escrava pede ao Governador da Capitania que interceda contra esses abusos, praticadas pelo administrador, o Capitão Antônio Vieira de Couto “dando ordem para que este, em cumprimento do mandado daquele superior, envie Esperança de volta ao seu lugar de origem, aos Algodões, para ela viver com o marido, [...] e batizar a filha” (SOUZA, 2022, p. 283). A fim de escapar da crueldade do novo administrador da fazenda, a escrava viu na denúncia para um superior, a chance de autodefesa, um modo possível para cessar os abusos cometidos pelo capitão Antônio Vieira de Couto, configurando assim, uma atitude de resistência, utilizando “como prerrogativa as conquistas alcançadas durante a época dos jesuítas: o direito de viver em família, a necessidade do batismo das suas crias e a vantagem como cristã de obrigatoriamente se confessar” (SILVA, 2014, p. 285).

Além disso o próprio ato de escrever de uma escrava, se transforma em um ato de resistência, como afirma a escritora e ativista negra norte-americana Angela Davis (2016): “em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como transmissão desse conhecimento aos demais” (DAVIS, 2016, p. 34).

Elio Ferreira de Souza (2015), entra em concordância com Luiz Mott (1985) ao afirmar que a epístola é certamente um dos registros escritos mais antigos da escravidão em nosso país. Escrito pelo próprio escravo, neste “caso uma mulher negra e cativa, Esperança Garcia, o que confere à narrativa epistolar citada acima o status de uma escritura da gênese literária afro-brasileira” (SOUZA, 2015, p. 1). Por ser o registro mais antigo escrito por um escravo no Brasil, neste caso uma mulher cativa, o pesquisador também defende que a epístola de Esperança Garcia é um “marco parecido com a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), missiva da chegada do branco ao Brasil [...]. Isso confere a essa narrativa o *status* da escritura de uma gênese da formação do cânon da literatura afro-brasileira” (SOUZA, 2022, p. 277). O pesquisador ainda acrescenta, que a carta da escrava piauiense “é a voz da senzala, cuja escrita de experiência pessoal e coletiva assume a forma da narrativa dos/as escravizados/as” (SOUZA, 2022, p. 185), pois para ele “os episódios do incidente são narrados em primeira pessoa, cuja autora e protagonista denuncia maus-tratos e requer direitos para si e a coletividade de escravizados” (SOUZA, 2022, p. 185), que por sua vez, na perspectiva desse pesquisador, aproxima o documento de uma *slave narrative*.

Elio Ferreira de Souza (2015), ao tecer sua análise sobre a carta, assevera que Esperança Garcia se apropria do antigo modelo de petição da segunda metade do século XVIII, para assentar em um território simbólico da escrita, trazendo à tona as vozes da narrativa autobiográfica e comunitária do sujeito negro no espaço escravocrata. Para o pesquisador a carta, escrita com lágrimas e dor, mostra vozes

que falam da dor humana, da luta e do desespero de uma mulher escrava, que fala em nome de si mesma, dos filhos, do marido e das irmãs de cativo, assumindo a posição de porta-voz do seu grupo social local.

A defesa da ideia de “porta-voz”, se baseia no argumento de que a narradora da carta “se solidariza, especialmente, com as “parceiras” do cativo, mulheres negras e cativas, o que também configura de forma premonitória a consciência de gênero e sororidade entre mulheres negras e escravizadas” (SOUZA, 2022, p. 292). Além disso, a carta “faz desmoronar os estereótipos raciais acerca da submissão “natural” do escravo negro [...], além de lançar por terra o falso mito da convivência pacífica ou da “democracia racial” (FERREIRA, 2014, p. 360), mito este, propagado pela elite brasileira herdeira da escravidão a partir das ideias disseminadas nas publicações de Gilberto Freyre.

### Considerações finais

O processo colonial nas Américas, tornou os escravos em uma população violentamente oprimida. Apesar de poucos indivíduos nessa condição terem conseguido um meio de se alfabetizar, de fugir do cativo e contar ao mundo os horrores da escravidão por meio das *slave narratives*, é explícito o número reduzido de fontes primárias escritos por escravos. Quando se pensa em mulheres escravas, as fontes são ainda mais raras e limitadas. Os dois textos apresentados neste artigo, revelam em maior grau aspectos íntimos da vida de duas mulheres escravas. Aparecem nas palavras escritas por elas, de forma muito destacada e crua, a violência, assim como também aspectos da maternidade de mulheres em condição de cativas, o que por sua vez tornam esses textos leituras essenciais da história das mulheres negras.

Separado cronologicamente por quase um século e geograficamente por milhares de quilômetros, estes relatos estão costurados com a força dos grilhões da escravidão e selados com sangue dos africanos. A carta de Esperança Garcia juntamente com os *Incidentes na vida de uma garota escrava escritos por ela mesma*, de Harriet Ann Jacobs mostram de um lugar único, como o cativo, além de brutal foi, ainda mais desfavorável e cruel, para as mulheres negras que testemunhavam agressões, violências e a venda dos filhos, além de inúmeros abusos sexuais somados a exploração física causada pela condição de escrava.

Os textos mostram a luta para se quebrar o silenciamento decorrente das inúmeras opressões sobre as mulheres negras. Este silenciamento é rompido através da voz das vítimas por meio da escrita. O relato de Harriet Ann Jacobs narra “a história de luta, dor e infortúnio dos afrodescendentes escravizados nos Estados Unidos, a carta de Esperança Garcia conta também a história real de sua vida e os incidentes do cativo no Brasil, na Fazenda dos Algodões” (SOUZA, 2022, p. 291).

O texto autobiográfico Harriet Ann Jacobs assume, na função social de *slave narrative*, junto do movimento abolicionista norte-americano, uma voz, que grita em protesto contra a instituição da escravidão nos Estados Unidos no século XIX. Esse relato, nos dias contemporâneos, nos ajuda a conhecer o ponto de vista da mulher escrava naquele país, e entender como foi a experiência da escravidão para esse grupo duplamente explorado. Em paralelo, décadas atrás, no século XVIII, nas

terras brasileiras, a escrava Esperança Garcia enxerga na escrita uma forma de resistência, um meio de defesa, não apenas para ela, mas para todos do seu grupo social, massacrado pelo odioso regime escravocrata. A carta de Esperança é mais que um relato de violência, “é um apelo à correção de uma injustiça, de um excesso cometido pelo senhor em relação à família escravizada” (SOUSA, 2019, p. 140).

A carta de Esperança Garcia, chega aos olhos atuais como uma estratégia de luta para resistir e sobreviver a todo sofrimento ocasionado pela condição de escrava. Esperança, usou a escrita como uma arma contra sofrimento e a violência que era incutido contra ela, sua família e as irmãs de cativo. A escrava, constrói para si um lugar pouco divulgado na história do Brasil colonial, o lugar daquela escrava, que protesta e que resiste.

Ambos os textos destacados neste artigo seguem como textos fundamentais da história da mulher negra em diáspora, que luta e resiste todos os dias contra as violências do corpo no momento cruel e sádico da escravidão nas Américas. Eles são leituras essenciais, que servem para confrontar a visão unilateral branca, mostrando o ponto de vista de indivíduos duplamente explorados e silenciados em consequência da soma das condições de mulher negra e escrava.

---

## Referências

---

ANDREWS, Willian L; GATES JR, Henry Louis. (Orgs.). *Slave Narratives*. Nova York: Literary Classics of the United States. 2000.

ARAUJO, Fabio R. de. Introdução. In: MOORE, Samuel. *Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua*. Tradução de Fabio R. de Araujo. Nova Orleans: Iap - Information Age Pub. Inc, 2020. p. 5-15.

AZEVEDO, Elciene. "Se negro sou, ou bode, pouco importa, o que isso pode": inclusão e cidadania na pena de Luiz Gama. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Orgs.). *Pensadores negros-Pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2020. p. 71-97.

BRANDÃO, Tanya. Para Além dos Engenhos: A Escravidão na Colonização do Piauí. In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 151-169.

BRASIL. Lei n. 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro. *História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL*, Pelotas, n. 18, p.199-205, 2005.

BROWN, William Wells. *Narrativa de William Wells Brown, escravo fugitivo escrita por ele mesmo*. Tradução de Francisco Araújo da Costa. São Paulo: Hedra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2003. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COSTA, Francisca Raquel da. Escravidão e Liberdade: A Colônia Agrícola de São Pedro de Alcântara, a Lei do Ventre Livre e o Trabalho e Educação dos Libertos das Fazendas Nacionais do Piauí. In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 69-87.

CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica. In: DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). *Escrivivência: A escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 74-94.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afro-descendência. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005. p. 113-131.

ESCOTT, Paul D. Introdução. In: PARRON, Tâmis (Org.). *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*. Tradução de Francisco Araújo da Costa. São Paulo: Hedra, 2020. p. 7-26.

FERREIRA, Elio. A "carta da escrava Eperança Garcia do Piauí", escrita por ela mesma e sua relação com a poesia das mulheres dos Cadernos Negros. In: RIBERIRO, Esmeralda, BARBOSA, Márcio (Orgs.). *Cadernos Negros: três décadas: ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje. 2008. p. 95-108.

FERREIRA, Elio. Literatura Afrodescendente: da gênese dos relatos de experiências escrito pelos próprios escravos do Brasil, Cuba e Estados Unidos à tradição da narrativa autobiográfica contemporânea da Diáspora e no periódico Cadernos Negros. In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 357-377.

GARCIA, Esperança. *Carta*. 1770. Disponível em: <https://esperancagarcia.org/a-carta/>. Acesso em: 23 de abri. De 2022.

GATES JR, Henry Louis. A mais completa escuridão. In: NORTHUP, Solomon. *Doze anos de escravidão*. Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Penguin classics Companhia das Letras, 2014. p. 259-273.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas?. In: GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4º ed. São Paulo: Atlas. 2002. p. 41-58.

GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

HOOKS, bell. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas. In: HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019. p. 96-127.

HOOKS, bell. O sexismo e a experiência das escravas negras. In: HOOKS, bell. *Não serei eu mulher?*. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018. p. 39-88.

JACKSON, Kellie Carter. Muito mais terrível: A vida de Harriet Jacobs. In: JACOBS, Harriet. *Incidentes da vida de uma escrava escritos por ela mesma*. Tradução de Francisco Araújo da Costa. São Paulo: Hedra, 2020. p. 7-32.

JACOBS, Harriet Ann. *Incidentes na vida de uma garota escrava, escritos por ela mesma*. Tradução de Felipe Vale da Silva. São Paulo: Aetia Editorial, 2018.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

MANZANO, Juan Francisco. *A autobiografia do poeta escravo*. Tradução de Alex Castro. São Paulo: Hedra, 2015.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil: séculos XVI-XIX*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MOORE, Samuel. *Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua*. Tradução de Fabio R. de Araujo. Nova Orleans: Iap - Information Age Pub. Inc, 2020.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. Uma escrava no Piauí escreve uma carta.... In: MOTT, Luiz Roberto de Barros. *Piauí Colonial: População, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985. p. 103-107.

MOTT, Luiz. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1993.

NORTHUP, Solomon. *Doze anos de escravidão*. Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Penguin classics Companhia das Letras, 2014.

PARRON, Tâmis (Org). *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*. Tradução de Francisco Araújo da Costa. São Paulo: Hedra, 2020.

PERES, Eliane. A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos "sem arquivos". *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v.19, n.1, p.149-166, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

SCHERMERHORN, Calvin. A narrativa de liberdade de William Wells Brown. In: BROWN, William Wells. *Narrativa de William Wells Brown, escravo fugitivo escrita por ele mesmo*. Tradução de Francisco Araújo da Costa. São Paulo: Hedra, 2020. p. 7-32.

SILVA, Liliam Ramos da. A autobiografia do poeta-escravo, de Juan Francisco Manzano. *Revista Mulemba*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-148, 2015

SILVA, Mairton Celestino da. Negros na Capitania de São José do Piauí, 1720-1800. In: EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). *Escravidão Negra no Piauí e Temas Conexos*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 269-287.

SOUZA, Maria Sueli Rodrigues de. O direito à memória para garantir igualdade constitucional: Esperança Garcia, desigualdade e igualdade como fundamento de nação. In: SOUZA, Elio Ferreira de, et. al. *História e cultura afrodescendente*. Teresina: FUESPI, 2018. p. 228-244.

SOUZA, Edinelia Maria Oliveira. Memória e representação de corpos subalternizados em vozes de mulheres da diáspora africana. In: GOMES, Carlos Magno. RAMALHO, Christina Bielinski. CARDOSO, Ana Maria Leal (Orgs.). *Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura*. Aracaju: Criação Editora. 2019. p. 135-148.



SOUZA, Elio Ferreira de. A “carta” da escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira. 2015. Disponível em; [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455937376.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455937376.pdf). Acesso em: 09 de abr. de 2022.

SOUZA, Elio Ferreira de. A carta da escravizada Esperança Garcia, escrita por ela mesma, e a formação do cânon literário afro-brasileiro. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 277-297, 2022.

SOUZA, Elio Ferreira de. *Poesia Negra: Solano Trindade e Langston Hughes*. Curitiba: Appris, 2017.

TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher: a narrativa de Sojourner Truth*. Tradução de Carla Cardoso e Júlio Silveira. Rio de Janeiro: Ímã editorial, 2020.

---

### Para citar este artigo

---

LIMA, Weberson de Aquino; ARAÚJO, Josinete Nízia de. *Slave narratives: a experiência de duas mulheres negras escravas nas Américas nos séculos XVIII e XIX*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 871-893, set.-dez. 2022.

---

### Os Autores

---

**Weberson de Aquino Lima** é mestre em Letras pela UESPI (2021), especialista em História e Cultura Africana e Afro Brasileira pela UFRN (2016) e graduado em Letras pela UFRN (2014). E-mail: [webersonaquino@hotmail.com](mailto:webersonaquino@hotmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9836-769X>

**Josinete Nízia de Araújo** é graduada em Letras Português/Inglês pela UFRN (2014). E-mail: [madlolaconne@hotmail.com](mailto:madlolaconne@hotmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8084-1349>